

LEITURA NO ENSINO SUPERIOR: O USO DA BIBLIOTECA SOB A PERSPECTIVA DOS DISCENTES

MARCIA REGINA PAIVA (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ), SANDRA REGINA CASSOL CARBELLO (UNIVERSIDADE ESTADUAL MARINGÁ).

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo identificar as práticas de leitura realizadas pelos universitários, a partir do ingresso na academia e sua relação com a biblioteca. Os estudos de Ezequiel Theodoro da Silva (1988; 1998; 1999); Soares, Zilberman e Abreu (1995); Martins (1994) entre outros autores subsidiaram nossas discussões. A metodologia utilizada foi a pesquisa descritiva e o estudo exploratório. Participaram do estudo, 58 universitários, matriculados no 2º e 3º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, Campus Regional de Cianorte. Foi aplicado questionário sobre leitura, suas práticas na universidade e o uso da biblioteca. Os resultados, ainda parciais, indicam que, para a maioria dos sujeitos participantes da pesquisa, a leitura é percebida como elemento fundamental em seu processo de formação, evidencia-se o entendimento de que a leitura de um texto leva-os a melhor compreensão de outros. No entanto, em suas práticas de leitura na universidade, grande parte dos respondentes identificaram os textos como muito complexos/elaborados e para o melhor entendimento/acompanhamento das disciplinas precisam dedicar-se mais a leitura. Para outros, uma minoria, a leitura é vista como uma obrigação ou algo relacionado a uma dificuldade a ser superada. Foi também possível levantar as relações significativas entre os discentes e as questões acerca do acervo bibliográfico, do espaço físico e do atendimento.

Palavras-chave:

Práticas de leitura, Biblioteca, Ensino superior.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de um estudo elaborado para conclusão do curso de especialização em Pesquisa Educacional. O objetivo do trabalho foi identificar as práticas de leitura realizadas pelos universitários, a partir do ingresso na academia e sua relação com a biblioteca. A questão que norteou a investigação surgiu de inquietações e indagações vivenciadas no exercício da profissão de bibliotecário.

As observações cotidianas indicavam baixa frequência dos acadêmicos naquele ambiente. Vislumbrando conhecer as razões deste fato, assim como as expectativas discentes em torno do tema leitura e biblioteca, organizamos este estudo exploratório. Como instrumento, utilizamos um questionário com 23 questões mistas (abertas e fechadas). Escolhemos a graduação em Pedagogia pelo fato de ser um curso no qual a leitura é fundamental para sua formação e principalmente por serem futuros profissionais que formarão novos leitores. Fizeram parte da

pesquisa 58 Sujeitos, sendo 35 universitários do 2º ano e 23 universitários do 3º ano da Universidade Estadual de Maringá, Campus Regional de Cianorte.

SOBRE LEITURA E BIBLIOTECA

Entendemos a leitura como uma área complexa e vital para o desenvolvimento de qualquer pessoa tanto profissional quanto pessoal. Silva e Zilberman (1998) se referem à leitura como um meio de aproximação entre os indivíduos e a produção cultural, podendo significar a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e intensificar o poder de crítica por parte do público leitor, e assim expressar os anseios da sociedade.

Nas leituras sobre a temática estudada, aprendemos com Soares (1995) que de um mesmo texto podem-se obter duas ou mais leituras diferentes. Portanto, o texto não preexiste à sua leitura e esta não é aceitação passiva, mas é construção ativa do Sujeito que a faz. É no processo de interação desencadeado pela leitura que o texto se constitui. Assim, cada leitura é nova escrita de um texto. Nesse processo cada leitor levará um pouco de si, suas experiências, seus conhecimentos em confronto com o que lê. O ato de criação não estaria, assim, na escrita, mas na leitura. O verdadeiro produtor não seria o autor, mas o leitor, porque à medida que lê, este se constitui, representa e se identifica. Sendo assim, o mesmo texto se multiplica em infinitos textos. Uma mesma leitura pode ter muitas leituras.

Tais aspectos contribuem para a complexidade do tema apontado no início deste estudo. Silva (1999) destaca que a leitura é imprescindível para a educação dos indivíduos, visto que, há algumas imprecisões conceituais, quando confundem que uma vez a pessoa alfabetizada, torna-se um leitor. Nem todo alfabetizado é leitor. Engana-se quem pensa que para ser leitor basta decodificar as letras. A leitura vai além das linhas, ela adentra as entrelinhas. Neste sentido, o componente político que contextualiza a leitura se evidencia.

No cenário atual, como assinalam os autores Menegassi e Angelo:

“é fundamental ao professor saber quais os conceitos de leitura que perpassam o sistema educacional brasileiro, para poder identificar e saber orientar o aluno de maneira adequada na construção da leitura” (MENEGASSI; ANGELO, 2005: 40).

Na formação dos professores, faz-se necessário conhecimento aprofundado sobre leitura; dar uma formação de leitor e tornar conhecidos os diferentes textos disponíveis. Pensar a formação docente como elemento no processo de formação

de leitores é extremamente importante porque a atuação destes profissionais pode fazer a diferença na estimulação para a leitura. Para os autores estudados, tudo seria mais fácil se o estímulo à leitura começasse cedo, porque “um indivíduo precisa, desde a infância, formar hábitos, desenvolver habilidades e dar-se o prazer de ler, de se informar, de se deixar levar pela fantasia e imaginação” (MARTÍNEZ; CALVI, 2004: 18).

Estudos realizados por Negrão (2004), Alves (2009) e Oliveira (2009) sobre leitura e os cursos de formação docente revelam dificuldades na leitura entre os universitários. A leitura na universidade deveria ser uma prática assídua e constante a todos que ingressassem, porque somente pela leitura as atividades acadêmicas serão desenvolvidas. À partir destas práticas é possível a produção científica.

No decorrer deste estudo percebemos que são vários os fatores que corroboram para o êxito ou as mazelas de um leitor no ensino superior, pois diversos aspectos influenciam na sua formação. Na concepção de Silva (1988) e Orlandi (1988) há uma sequência de falhas que são realizadas no decorrer da vida escolar de cada indivíduo, mas se evidenciam no ensino superior.

Para Silva (1999) o desprazer pela leitura não atinge somente os alunos de escolas de ensino fundamental e médio. Os próprios professores, com raras exceções, não apresentam o hábito de ler devido às lacunas no trajeto de sua formação profissional e/ou a restrições de acesso ao livro. Então, o que se percebe é que as metodologias para o ensino da leitura nas escolas surgem da reprodução de velhas idéias e não do conhecimento crítico e fundamentado de teorias de leitura. A ação que leva o professor agir e atuar na base de reprodução fomenta um grande círculo vicioso na área da educação, e deste modo uma situação conduz a outra numa visível transferência de responsabilidades na área da docência.

Evidencia-se essa dificuldade na universidade, pois não se ensina a ler porque se acredita que isto seja tarefa do ensino médio. Este, da mesma maneira não tem essa prática e diz ser função do ensino fundamental, o qual diz ser responsabilidade do professor de alfabetização, gerando assim um circuito de “tapa-buracos”. Silva (1999)

explicita alguns constrangimentos presentes no currículo universitário, que afetam negativamente a formação, como:

Pouca importância atribuída às disciplinas pedagógicas [...]; Falta de integração entre as disciplinas [...]; Redução do ato pedagógico à leitura e discussão de textos [...]; Vício ou dependência de apostilas (ou de cópias xérox) contendo apenas o “essencial” para consumo rápido [...]; Apego exagerado a um único tipo de organização de texto, o técnico ou teórico [...]. (p. 89-90)

Quando o professor tem gosto pela leitura e estimula seus alunos, essas atitudes produzem novos hábitos e contribuem com novos conhecimentos. Tendo uma boa formação leitora, esses docentes contribuirão na formação de novos leitores, com produção científica de qualidade, o que inclui o uso da biblioteca.

A contribuição das bibliotecas na construção do conhecimento humano deve acontecer de forma efetiva na qual o conhecimento e as informações assumem destaque central, pois “a biblioteca faz realmente a diferença” (ANDRADE, 2003: 15). Neste contexto as bibliotecas não devem entrar na lógica da sociedade de consumo sob o pretexto de aumentar o número de leitores; devem, sim, ajudar o público a conhecer e entender o funcionamento de um objeto social que, mesmo com sua fama de cultural, não deixa de ser o terreno por excelência da ideologia. Sendo assim, é fundamental que seja disseminado o pensamento “venham entender o que é isso e como, de qualquer maneira, isso age sobre sua vida” (FOUCAMBERT, 1994: 143).

Silva (1988) educador, participante ativo da luta pela democratização da leitura, afirma que são poucos os professores que visitam as bibliotecas com o intuito de conhecer os seus recursos e integrar suas atividades com os bibliotecários, pois a biblioteca deve se transformar num ambiente valoroso em incentivo sócio-cultural para a leitura, e com expressão para professores, alunos e comunidade.

Silva (2005) sintetiza que a formação do gosto pela leitura é dependente de uma série de interações, que vai do livro às pessoas envolvidas no processo, isto é, professores, bibliotecários e outros profissionais, porque precisamos sentir a beleza da palavra literária, precisamos viver na prática o gosto pela leitura.

A LEITURA E A BIBLIOTECA SOB A ÓTICA DISCENTE

Para conhecer a perspectiva discente sobre leitura e biblioteca elaboramos um questionário com 23 questões organizadas em três blocos. O primeiro investigou as práticas de leituras discentes. O segundo focou a leitura e universidade. O terceiro enfatizou a biblioteca. O questionário foi aplicado aos acadêmicos do 2º e 3º ano do

curso de graduação em Pedagogia, do *Campus* Regional de Cianorte, no ano de 2008. Para a realização deste estudo utilizou-se a pesquisa descritiva e o estudo exploratório (CERVO; BERVIAN, 2002), porque se teve a intenção de descrever a realidade encontrada entre os discentes e sobre a constituição das práticas de leitura, após o ingresso na universidade.

As respostas dos acadêmicos evidenciaram dois grupos distintos. O primeiro, formado por 39 alunos, representando 68% dos alunos participantes, que entende leitura como elemento fundamental no processo de formação. O segundo grupo, formado por 17 Sujeitos, entende a leitura como uma obrigação ou uma dificuldade a ser superada. As razões apresentadas são diversas.

Para os Sujeitos que entendem a leitura como elemento fundamental na formação, as justificativas centram-se nas experiências que a leitura suscita. Para Sujeito (29): *"Através da leitura posso ir a lugares distantes, descubro coisas que para mim eram desconhecidas e posso adquirir saberes, conhecimentos, aos quais uso para melhorar minha vida social e cultural."* Sujeito (18): *"Porque além de adquirir conhecimentos, também melhora minha forma de falar e desenvolvo mais ainda o gosto pela leitura"*. Sujeito (6): *"Quando leio, sinto-me mais 'alimentada'."* Sujeito (11): *"Ler melhora a concentração, atenção, diverte. É auxílio para uma vida mais culta. É a porta de comunicação mais importante para a vida."* Sujeito (16): *"Porque o conhecimento que possuo e o que posso possuir, boa parte será por meio da leitura"*. Sujeito (7): *"De suma importância, tendo em vista a necessidade que temos em adquirir determinados conceitos para compreender outros"*. O Sujeito (28) sintetiza: *"É o recurso básico e indispensável para o desenvolvimento do intelecto do homem. É o caminho de descobrir a verdade e libertar-se"*. No entanto, em suas práticas de leitura na universidade, grande parte dos respondentes identifica os textos como muito complexos/elaborados e para o melhor entendimento/acompanhamento das disciplinas precisam dedicar-se mais à leitura.

As respostas sinalizam que a leitura é essencial e nos remetem ao pensamento de Faria (1986), quando disse que a leitura é imprescindível na vida de toda e qualquer pessoa, pois é a condição básica para se transformar e se autoconhecer. As justificativas apresentadas acima sinalizam a consciência dos alunos acerca da contribuição da leitura em mudanças conceituais e comportamentais. Negrão (2004) esclarece que a leitura na universidade é voltada para texto técnico-científico e para um bom desempenho profissional precisam também dedicar-se a outras leituras que não as específicas para seu uso profissional, porque deste modo será efetivo o amadurecimento progressivo dos leitores universitários.

Para 29% dos discentes a leitura é percebida como uma obrigação ou dificuldade para cumprir trabalhos acadêmicos. Para o Sujeito (15): *"A leitura é um pouco densa, às vezes os textos que lemos são sem nexo por não ter tempo a acessar o livro todo."* Para o Sujeito (12) a leitura é : *"Importante, mas às vezes se torna uma obrigação"*. O Sujeito (5) afirma que: *"Gostaria de ter mais tempo para ler, são muitos textos que temos nas disciplinas, e a leitura nessa ocasião exige mais dedicação para compreensão"*. Para o Sujeito (8): *"A leitura na universidade é necessária, porém os textos são muito extensos e com um vocabulário muito científico."* Porém, mesmo com dificuldades na leitura e apesar de entendê-la como obrigatória, esses universitários lêem em busca da superação.

Em relação às dificuldades e aos obstáculos apontados sobre a prática de leitura as causas variam entre cansaço, escassez de tempo, falta de entendimento por serem textos complexos. No entanto, mesmo com tais dificuldades suas atividades são concluídas. O Sujeito (18) afirma: *"Através da leitura destes textos, não apenas consegui realizar as provas em sala, mas desenvolvi também projetos de pesquisa e relatórios muito importantes para minha formação"*. O Sujeito (10) sintetiza: *"Estes textos são a base para a minha formação, pois são através deles que posso construir minha idéias"*.

Para Andraus Junior e Santos (1999) a falta de motivação é uma das vilãs na dificuldade de leitura, e assim a prática vai decaindo, e esses indivíduos acabam fugindo das situações onde possam destacá-la, e se instala a uma lenta e gradual relutância para a leitura. Contudo, os autores ressaltam que mesmo com todas essas dificuldades é possível reverter essa situação e ter uma boa formação profissional. Com boa vontade e organização obterão sucesso em suas atividades. As inferências para compreender o texto, assim como a dificuldade de conciliar estudo e trabalho, só se resolverão se cada indivíduo cumprir as atitudes cabíveis a ele ampliando significativamente situações que envolvam textos diferenciados. Para Silva e Zilberman o ensino da leitura poderá ser transformado quando docentes:

"assumirem, como Sujeitos, o desafio da prática, do cotidiano das salas de aula, dos livros, das situações de leitura. Mais especificamente, quando encararem o desafio de ensinar a ler e a gostar de ler."(SILVA; ZILBERMAN,1998: 111)

As demais respostas apresentadas pelos graduandos do segundo e terceiro nos permitem afirmar que os mesmo leem, pois suas justificativas e escolhas de

materiais de leitura evidenciam que têm contato com diferentes tipos de textos. Seja para informar-se, aprender, ampliar vocabulário, divertir-se ou para enriquecimento cultural ou religioso as práticas de leitura fazem parte do cotidiano da maioria dos nossos Sujeitos.

Ao serem questionados sobre uso da biblioteca 11 Sujeitos frequentam a biblioteca municipal, 41 Sujeitos frequentam a biblioteca do campus, compreendendo 71% e 6 Sujeitos têm sua própria biblioteca, compreendendo 10% do total dos alunos de ambas as séries estudadas. Já quando questionados sobre a frequência da biblioteca do CRC, 53 Sujeitos dos 58 questionados responderam afirmativamente, 4 disseram que não a frequentam e 1 Sujeito se absteve.

Em relação à quantidade de dias que frequentam a biblioteca do CRC, 30 Sujeitos que compreendem 56% responderam uma vez por semana, 13 Sujeitos que compreendem 24% responderam duas vezes por semana, 6 Sujeitos que compreendem 11% responderam três vezes por semana e 5 Sujeitos que correspondem a 9% se abstiveram.

Sobre o acervo, 54% dos acadêmicos consideram regular, pois afirmam que ainda há falta de materiais. Para o Sujeito (31): *"Temos algumas dificuldades com relação de exemplares que temos que pedir para o campus sede."* Para o Sujeito (11): *"Muito pequeno, áreas específicas dos cursos é boa, mas faltam livros nas áreas subjacentes"*. Sabemos que a biblioteca é um órgão que deve estar acompanhando as transformações da sociedade e do conhecimento. Por esse motivo é importante que toda biblioteca tenha uma "Política de desenvolvimento de coleções". Miranda (2007) e Weitzel (2006) são claros na conceituação de que a política de desenvolvimento de coleções serve para estabelecer normas e padrões que orientem o processo decisório, a fim de determinar os livros a serem inseridos no acervo, os que vêm a ser adquiridos, os que irão manter no acervo e os que descartar. E assim, relacionar critérios de seleção para formação ideal de um acervo que expresse o interesse comum da instituição que esteja de acordo com as necessidades da comunidade acadêmica.

Sobre a estrutura física a opinião dos acadêmicos se dividiu entre boa e regular. Para o Sujeito (14): *"Falta um ambiente para trabalho em grupo, no qual possa se abrir discussões de temas e o acesso a biblioteca é dificultoso com chuva."* É importante destacar que, segundo as exigências do MEC, em visitas de reconhecimento de cursos, o espaço deixa a desejar, devemos ter sala de estudo em grupos, como sugerido por um acadêmico, e também, espaço disponível para

estudo individual, com tomadas para uso de *notebook*, apontados como alterações a serem realizadas pela UEM, indicadas nas visitas realizadas pelas Comissões de Reconhecimento dos Cursos de Moda e Design no período de março e abril de 2007 (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, 2006).

Ressaltamos que o papel da biblioteca universitária “é contribuir decisivamente para o ensino, a pesquisa e a extensão, assumindo, assim, a função social de prover a infra-estrutura documental e promover a disseminação da informação, em prol do desenvolvimento da educação, da ciência e da cultura” (GOMES, BARBOSA, 2007). O trabalho de estimulação à leitura na universidade perpassa por questões de formação e de estrutura física. Percebemos ao longo deste trabalho que mudanças significativas estão acontecendo gradualmente. Acerca dos aspectos estruturais da biblioteca percebemos que avançamos muito, no entanto ainda temos um longo caminho a percorrer.

No que tange às questões de formação, percebemos uma mudança importante no quadro acadêmico: a maioria dos futuros pedagogos entende a leitura como um pilar em sua formação. Pensamos que este é um primeiro passo para promover uma transformação no trabalho com a leitura. Neste processo a equipe de profissionais da escola e da biblioteca exerce papel fundamental e precisa trabalhar de maneira articulada. Assim, ressaltamos que o bibliotecário também tem sua parcela de responsabilidade. Ele deve ser comprometido com a mudança e com a socialização do saber, e assim tomar consciência das necessidades de atualização e de expansão do conhecimento e ser um mediador entre a informação e, nesse caso, os graduandos (SILVA, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste percurso, entre leituras, debates, escritos e reescritos nos deparamos com descobertas, dúvidas e nos surpreendemos com muitos dados levantados neste trabalho. Esperávamos encontrar outra realidade, com existência de mínimas práticas de leitura no meio acadêmico, bem como a relação distante dos mesmos com a biblioteca, impressão propulsora de tal pesquisa. Os dados observados e analisados mostraram que se tratava de uma má impressão, porque apesar da pouca frequência à biblioteca os acadêmicos lêem, gostam de ler, mesmo com dificuldades e estão se empenhando para uma boa formação pessoal e profissional. Neste processo aprendemos a ouvir as necessidades dos alunos, bem como sentir as impressões dos mesmos sobre a biblioteca e suas atividades.

Enquanto bibliotecários temos uma preocupação relativa com a superação destas dificuldades e em relação aos alunos que frequentam a biblioteca. A literatura demonstra que é preciso um movimento conjunto entre professores, bibliotecários e demais profissionais, vinculados à instituição formadora, para superar possíveis lacunas de formação, pois a ação isolada do bibliotecário ou do professor será uma tarefa árdua e com resultados mínimos.

Pontos positivos e negativos foram identificados nessa pesquisa. A partir das respostas e sugestões dos acadêmicos estamos em busca de melhorias para a biblioteca do Campus. Vale ressaltar que no ano letivo de 2009 é perceptível o aumento de frequência à biblioteca do campus. Percebemos um forte movimento dos universitários em busca de materiais para realizarem suas atividades acadêmicas. Observamos a participação dos mesmos em grupos de estudo e projetos de pesquisa. Percebemos que há um anseio por conhecimento nesses alunos, motivo pelo qual nos dá grande alegria e satisfação em contribuir com a produção de conhecimento atual.

REFERÊNCIAS

ALVES, Laura Maria Silva Araújo. **Leitura e universidade**: comportamento de leitura na formação do pedagogo da UFPA. Disponível em: . Acesso em: 27 jun. 2009.

ANDRADE, Maria Eugênia Albino. A biblioteca faz a diferença. In: CAMPELLO, Bernadete et al. **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2.ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003. p.13-15.

ANDRAUS JUNIOR, Salim; SANTOS, Acácia A. Angeli dos. Importância do desenvolvimento da leitura na formação profissional. In: WITTER, Geraldina Porto (Org.). **Leitura**: textos e pesquisas. Campinas, SP: Alínea, 1999. cap. 3, p.37-54.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

FARIA, Sueli de Fátima. Reflexos da falta de leitura na postura do bibliotecário. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org.). **O bibliotecário e a análise dos problemas de leitura**. Campinas: ALB, 1986. p.11-15. (Série cadernos da ALB).

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Tradução: Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 157p.

GOMES, L.C.V.B.; BARBOSA, M.L.A. **Impacto da aplicação das tecnologias da informação e comunicação (TICs) no funcionamento das bibliotecas universitárias**. Disponível em: <http://www.cinform.ufba.br/iv_anais/artigos/TEXT011.HTM>. Acesso em: 14 jun. 2007.

MARTÍNEZ, Lucila; CALVI, Gian. **Escola, sala de leitura e biblioteca criativas: o espaço da comunidade**. São Paulo: Global, 2004. 159p.

MENEGASSI, Renilson José; ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro. Conceitos de leitura. In: MENEGASSI, Renilson José (Org.). **Leitura e ensino**. Maringá: Eduem, 2005. cap.1, p.15-43. (Formação de professores EAD, n.19).

MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 01-19, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/viewarticle.php?id=103>>. Acesso em: 26 jun. 2009.

NEGRÃO, Sonia Maria Vieira. Eu leio, tu lê, ele lê. Somos todos leitores? **Revista teoria e prática**, Maringá, v.7, n.1, p.83-90, jan./abr. 2004.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. **Práticas de leitura de estudantes do curso de Pedagogia** /UFMT. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem12pdf/sm12ss01_05.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988. 118p.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1999. 128p.

_____. **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 95 p.

_____. **Leitura na escola e na biblioteca**. 10.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005. 115p.

_____; ZILBERMAN, Regina. Pedagogia da leitura: movimento e história. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1998. p.111-115. (Série fundamentos, 42)

SOARES, Magda Becker. Natureza interdisciplinar da leitura e suas implicações na metodologia do ensino. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º COLE**. Campinas: Mercado das Letras, 1995. p.87-98.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. Campus Regional de Cianorte. Biblioteca. **Relatório encaminhado ao MEC**: 2006. Cianorte, 2006.

WEITZEL, Simone da Rocha. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006. 76p.